

A COMPANHEIRA DE VIAGEM

A MOÇA vai para a Europa de navio e um amigo que lá se encontra lhe encomendou... um macaco. Para que ele quer um macaco, não cheguei a ficar sabendo, e creio que nem ela mesma. Em todo caso, como sua viagem será de navio, comprou o macaco, conforme a encomenda: um macaquinho desses pequenos, quase um sagüi, de rabo comprido, que coçam a barriga e imitam a gente. Meteu-o numa gaiola e lá se foi para legalizar a situação do seu companheiro de viagem.

Não precisou propriamente de um passaporte para ele: precisou de atestado de saúde, de vacina, disso e daquilo — além do competente visto em cada um dos consulados dos países que pretende percorrer até chegar ao seu destino. Depois foi à companhia de navegação da qual será passageira cuidar da licença para ter o bichinho consigo a bordo.

O funcionário que a atendeu, sem querer criar dificuldades, fez-lhe ver que até então não estava previsto o transporte de macacos junto com os passageiros nos navios daquela frota.

— A senhora não me leve a mal, mas olhe aqui. E mostrou-lhe um impresso no qual se estipulava que

os passageiros teriam de pagar um acréscimo no preço da passagem, em escala crescente, para carregar consigo aves, gatos e cachorros.

— Macaco é a primeira vez que ocorre, por isso até hoje não foi incluído na tabela. Mas não se preocupe: ele poderá viajar como cachorro.

O que significava que ela teria de pagar o preço mais alto da tabela pela viagem do macaquinho.

— Como cachorro? — protestou: — E por que não como gato?

— Porque a incluí-lo em alguma categoria, me parece que a mais aproximada seja a dos cachorros.

— Por quê?

— Porque entre um macaco e um cachorro...

— Não vejo semelhança nenhuma entre um macaco e um cachorro.

O funcionário coçou a cabeça, no que foi logo imitado pelo macaquinho, preso na sua gaiola:

— Bem, mas também não acho que ele se pareça com um gato.

— Eu não disse que ele se parece com um gato — insistiu ela: — Só não vejo por que hei de pagar por ele segundo a tabela mais cara. Para mim ele podia ir até como ave. Já não está numa gaiola?

O homem começou a rir:

— Quer dizer que basta meter dentro de uma gaiola que é ave? Ave tem duas pernas, macaco tem quatro.

— Quer dizer que eu sou ave, porque também tenho duas pernas — retrucou ela.

— É uma questão de tamanho... — vacilou ele.

— De tamanho? E a diferença entre uma avestruz e um beija-flor?

Os outros funcionários se aproximaram, interessados na controvérsia.

— Na minha opinião ele pode ir perfeitamente como gato — sugeriu um deles, conquistando logo um sorriso agradecido da dona do macaco: — Gato sobe em árvore, macaco também...

— Gato mia — tornou o homem: — Macaco mia?

— Não mia nem late, essa é boa.

— Ah, é? Basta latir para ser cachorro? Então au! au! au! Agora eu sou um cachorro.

— Eu não disse que bastava latir para ser cachorro — o outro funcionário respondeu, agastado: — Você disse que ele se parece mais com um cachorro. Eu disse que ele pode ir como cachorro ou como gato, tanto faz — a semelhança é a mesma.

— Ou como ave — acrescentou a dona do macaco.

— Não: como ave também não.

Outro passageiro, que aguardava a vez de extrair sua passagem, resolveu entrar na conversa:

— Me permitem uma sugestão?

Todos se voltaram para ele, interessados.

— A seguir esse critério de semelhança, vocês não chegam a resultado nenhum. Ave é ave, gato é gato, cachorro é cachorro.

— Macaco é macaco. E daí?

— Daí que os senhores têm de criar para ele uma categoria nova, eis tudo — encerrou o homem.

— Então vai pagar mais ainda que cachorro.

— Absolutamente. Macaco é o bicho que mais se assemelha ao homem. Esse macaquinho podia perfeitamente viajar como filho dela, por exemplo.

— Como filho meu? — protestou ela, indignada: —

Tem cabimento o senhor vir dizer uma coisa dessas? Ele pode parecer é com o senhor, e com toda sua família, não comigo.

— Perdão — voltou-se o homem, muito delicado: — Não quis ofendê-la. Uma criancinha do tamanho deste macaco não pagaria nada, viajaria de graça. Era lá que eu queria chegar.

A essa altura resolveram consultar o gerente da companhia. Ele ouviu com silencioso interesse a explanação que lhe fez o funcionário, olhou para o macaquinho, para a dona dele, para os circunstantes.

— Vai como gato — decidiu peremptoriamente, encerrando a discussão.

Não sem antes acrescentar, em tom mais discreto:

— Aliás, devo dizer, a bem da verdade, que não se trata de um macaco, mas de uma macaca.

IN: SABINO, Fernando. "Os melhores contos de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Record, 1986, pág. 108-111.